

O ano acaba com um saldo positivo na área da música erudita, criando expectativas para 1986, que pode dar a Brasília o Coro Lírico do Teatro Nacional. Por aqui passaram solistas, orquestras e demais grupos musicais em eventos patrocinados, principalmente, pelas Embaixadas, como a da Alemanha Federal, da Argentina e da Itália.

Os afinados acordes do mundo lírico



JOSELIA COSTANDRADE
Da Editoria de Cultura

Brasília viveu um ano muito interessante na área da Música erudita, mesmo considerando-se as dificuldades enfrentadas pelos músicos locais (instrumentistas e cantores), que lutam pela consolidação da cultura na cidade. Alguns dos mais importantes concertos nos foram oferecidos pelas Embaixadas da Alemanha Federal, Argentina, Itália e Portugal, como presente ao Jubileu de Prata de Brasília. Assim, o público vibrou com as interpretações de virtuosos, como os integrantes das Orquestras de Câmara "I Solisti Veneti", "Grupo di Roma", "Camerata Bariloche" e do coral "Pró Música Koln".

Um detalhe significativo nas comemorações dos 300 anos de nascimento de Bach, Haendel e Scarlatti, assim como do centenário de nascimento de Alban Berg, prende-se à obra de Beethoven, compositor que abriu e encerrou a temporada sinfônica na cidade. Com a nova Sinfonia, "Coral", a Escola de Música finalizou, na Sala Villa-Lobos, o já tradicional Curso Internacional de Verão (no dia 4 de fevereiro). E, no dia 19 último, na Sala Martins Penna, a Orquestra do Teatro Nacional fechou suas atividades anuais, executando o Concerto nº 5 para piano e Orquestra, opus 73, "Imperador", tendo como solista, o pianista Ney Salgado.

Certamente, o acontecimento mais tumultuado de todo o ano foi a execução da "Missa em Si Menor", de Bach, para coro misto, quatro solistas (soprano, contralto, tenor e baixo), Orquestra e cravo. Desde os primeiros ensaios, com os integrantes do coro (em junho), iniciaram-se os problemas com o maestro Cláudio Santoro, di-

retor da Orquestra do Teatro Nacional. De acordo com as determinações de Santoro, os coralistas, oriundos do Madrigal da Escola de Música e de outros corais da cidade, submeteram-se a uma prova, no sentido de poder integrar o coro definitivo do Teatro Nacional. No entanto, logo na primeira semana de ensaios (com o preparador, o baixo Zuinglio Faustini), o maestro ameaçou dissolver o grupo, alegando que o maestro alemão, Gerald Kegelmann, convidado por ele, para reger a Missa, no dia 21 de setembro, poderia perfeitamente executar qualquer outra partitura, deixando os cantores de lado. Alguns cantores, inconformados, resolveram protestar, o que levou Santoro a reconsiderar sua atitude.

Com a chegada de Kegelmann, os ensaios diários com os coralistas revelaram-se um exercício de disciplina, que deixou o regente bem impressionado com os músicos brasileiros. No dia 21 de setembro, um público atento aplaudiu a gigantesca Missa, com quase 3 horas de duração. Orquestra, os solistas: Sônia Born (soprano), Lenice Priolli (mezzo-soprano), Laura Conde (contralto), Carlos Belbey (tenor) e Zuinglio Faustini (baixo), Maria de Lourdes Cutolo (cravo) e coro, sob a regência de Gerald Kegelmann, conseguiram um resultado realmente positivo, em perfeita sintonia. Evidenciaram-se os dotes dos solistas, com o notável Maria de Lourdes Cutolo, as belas vozes de Zuinglio Faustini, Lenice Priolli, Sônia Born e Carlos Belbey (o último, com o solo mais longo de toda a peça).

Uma experiência rica para todos os integrantes do coro, a Missa em Si Menor deixou um saldo positivo, como o encaminhamento, à secretária Vera Pinheiro, de um requerimento pedindo a criação do coro definitivo para o Teatro Nacional. Ao mesmo tempo, surgiu o Coro Lírico da Associação Opera Brasília, entidade existente há mais de 10 anos e dirigida por Asta-Rose Alcaide, responsável

pela montagem de óperas na cidade. O Coro Lírico fez sua estréia no dia 30 de novembro, na Sala Villa-Lobos, sob a regência do maestro Sílvio Barbato e tendo como acompanhador o pianista Darcy Fontana (do Teatro Municipal do Rio). Do programa, constaram peças famosas e que, num caleidoscópio de estilos e épocas, tornam-se quase obrigatórias num concerto coral. Certamente as falhas do coro foram equilibradas pelo entusiasmo dos participantes, alguns dos quais demonstraram qualidades vocais muito promissoras. Sílvio Barbato, uma revelação de Brasília lapidada na Itália, conseguiu um resultado bastante animador para um coro que se propõe a interpretar um repertório variado.

OS ITALIANOS

A Embaixada da Itália foi cenário de belos concertos, repetidos posteriormente no Teatro Nacional. Com grande brilho, os músicos italianos souberam empolgar o público da cidade, em récita memoráveis. Aconteceu com o bem equilibrado "Grupo di Roma", constituído pelos instrumentistas Vanja Gentile (oboé), Giampio Mastrangelo (flauta), Paolo Verrecchia (corne inglês e oboé), Ugo Gennarini (Clarinete), Ivo Meccoli (clarinete), Giuseppe Mastrangelo (Fagote), Domenico Gabriel (corne), Alessandro Verrecchia (fagote) e Stefano Mastrangelo (corne) que demonstraram cabalmente a razão pela qual têm obtido tanto sucesso em uma carreira. Em realidade, estes jovens intérpretes, trabalhando com os instrumentos de sopro, tornaram possível uma textura musical, onde o requinte de sua técnica foi superado apenas pela musicalidade de cada instrumentista, unidos entre si, por um sentimento de percepção. Assim, os temperamentos instrumentais de sopro, sujeitos que são às mudanças de temperatura, não foram comprometidos pelo clima da noite (quando a umidade do ar foi baixíssima), mercê do

aprimo de seus executantes.

A sensibilidade extraordinária dos músicos componentes do "Grupo di Roma" ficou visivelmente patenteada no "extra-programa": uma ária das "Bodas de Figaro", de Mozart, onde, o solo de flauta, a cargo de Giampio Mastrangelo refulgiu. Uma aura de encanto seguiu a todos os instrumentistas, que, num trabalho muito especial, dedicam-se às pesquisas iconográficas no campo da Música. Junto a Museus e arquivos musicais europeus, muitas e raras partituras, especialmente de autores italianos, foram por eles estudadas e catalogadas, fazendo parte atualmente do acervo particular do conjunto. Um detalhe: a não ser em indicações contrárias (como composições de Beethoven ou Cherubini e dedicadas ao carrilhão e cuja transcrição é indispensável), todas as composições que fazem parte do repertório do "Grupo di Roma" seguem a versão original.

O deslumbrante concerto da Orquestra de Câmara "I Solisti Veneti", deixou (principalmente os artistas) os assistentes emocionados. Uma perfeita execução, como uma elegância de linguagem sonora tão evidente, ressaltou o programa amplo e, certamente, com a intenção de evidenciar os dons de interpretação de cada músico em particular e do conjunto, como um pensamento harmônico. O violinista Cláudio Scimone, regente da Orquestra, levou os ouvintes à compreensão do que é o virtuosismo aliado ao sentimento interior do texto musical. Porque, Scimone, tornando possível uma integração entre o arco e os segredos da obra por ele ressaltada, disse com serenidade e clareza a sua mensagem. Assim Veneza, a cidade das águas, enviando a Brasília os seus esplendidos músicos de instrumentos de arco, tornou as festividades do Jubileu de Prata mais significativas.

CAMERATA BARILOCHE

Como presente da Embaixa-

da da Argentina às obras assistenciais da LBA, o mais belo som da Argentina foi ouvido em Brasília, na Sala Villa-Lobos. A prestigiosa Camerata, mais importante mesmo que a Orquestra do Teatro Colón, de Buenos Aires, apresentou-se, tendo como regente o "spalla" Elias Khayat à frente dos 14 arcos (9 violinos, 2 violoncelos, 2 violas e 1 contrabaixo), do cravo, flauta doce e oboé. Exemplo de uma idéia bem sucedida, a Camerata é reconhecida pela Crítica internacional como um dos melhores conjuntos do gênero Orquestra de Câmara e, fundada por Alberto Lysy, tornou-se grande sob a proteção de Yehudi Menuhin. Tocando de maneira irrepreensível, com um sentido de unidade particular, a Camerata deixou o público realmente impressionado. Coesão de sentimentos, domínio perfeito dos instrumentos e grande versatilidade fazem dos instrumentistas argentinos um exemplo a ser seguido. Sua passagem entre nós deixou uma certa nostalgia, por sabermos das dificuldades em criar um conjunto que receba proventos suficientes para seu desenvolvimento e manutenção.

Um coral excelente, o "Pró Música Koln", apresentou-se na Sala Martins Penna, sob os auspícios da Embaixada da Alemanha e do Instituto Goethe. Muitas pessoas não puderam entrar, o que provocou certa confusão no Teatro. O Concerto, constando de um repertório muito vasto, teve Schutz, Bach, Haendel e Villa-Lobos. Acompanhando o coro, os instrumentistas brasileiros Antônio Guerra Vicente, Ana Cecília Ladeira, Toni Botelho, Gedeão Lopes Oliveira, Valeska Heidehlich e o soprano Sônia Born. Variação de texturas e interpretação clara foram observadas pelo conjunto vocal, de notável apuro, onde a voz de Sônia Born despertou o entusiasmo do público, que aplaudiu de pé o desempenho do soprano, na interpretação da "Cantilena" das Bachianas Brasileiras nº 5, de Villa-Lobos. Sônia Born, sem

favor, uma cantora de belo registro vocal, foi um detalhe significativo na apresentação, como solista, do excelente coral "Pró Música Koln", em Brasília.

ESPLENDOR DO CANTO

A voz, como instrumento musical mais amplo, significando o poder criativo do ser humano, tão misterioso, que consta das Escrituras judaico-cristãs, como a responsável pela criação das formas no universo, teve belos momentos em Brasília. O primeiro foi oferecido pelo contralto Ana Maria Martins, em recital na Sala Martins Penna, acompanhada pela pianista Jaci Toffano. Seguindo um programa muito estruturado, que agregou peças difíceis, Ana Maria demonstrou a versatilidade de uma cantora segura dos seus recursos vocais. O exercício do canto lírico possibilitou à intérprete uma apresentação com graça e variedade, numa presença cênica muito interessante. Ao mesmo tempo, a textura da voz do contralto foi exibida com rara flexibilidade, tanto nos graves, quanto nas notas mais altas e transparentes, permitindo um delgado contraponto, que só mesmo uma excelência técnica e uma sensibilidade especial podem oferecer.

De Portugal, um dos melhores intérpretes do "lied", o barítono Oliveira Lopes, veio a Brasília, para, no Auditório da Caixa Econômica, dar um recital de primeira qualidade. Detendo-se na forma "canção", o cantor deixou bem clara as suas qualidades primordiais de musicalidade e emoção. Oliveira Lopes encontra-se numa fase excelente de sua carreira, tirando proveito de todas as sonoridades onde sua voz, bem modulada, atinge os "planísimos" com a mesma tranquilidade com que atinge as notas mais altas para o seu registro vocal. Um concerto que serviu como aula de interpretação para alguns coralistas presentes, mesmo porque, nos dois dias posteriores, o barítono minis-

trou um curso de Interpretação e técnica do "lied", destinado aos integrantes do Coro Lírico da Associação Opera Brasília.

A tradição medieval do Canto Gregoriano foi revivida na Catedral de Brasília, com a execução, à "capella", da "Missa", de autor anônimo, tiveram origem no século IX (provavelmente), possuindo texto em Latim e a notação em "neumas" (ou "melismas" gregorianos), o que representa um marco na história da Música, com a singular presença do papa Gregório Magno, autor da forma musical que recebeu seu nome.

A interpretação da "Missa" esteve a cargo de coralistas que também cantaram na "Missa em Si Menor", de Bach, sendo a realização da mesma uma consequência de pesquisas empreendidas pelo professor Antônio Salles Filho, do Departamento de Letras da UnB. Certamente houve muitas falhas em todo o desenvolvimento da apresentação da "Missa", mas o resultado foi compensador, tanto pelo sentido da pesquisa iconográfica, o que significa um exemplo a ser seguido, como ainda pela presença de um estilo musical tão rico, que corresponde a um período do histórico importante, como a Idade Média. No aspecto da pesquisa musical e histórica, também, considerando-se um evento cultural diferente, o público presente lucrou bastante. Outro detalhe: na tradicional "Missa do Galo", celebrada pelo papa João Paulo II este ano, na Basílica de São Pedro, foi cantada a "Missa do Espírito Santo", que, num sentido mais amplo, significa a descida da luz sobre a consciência da humanidade.

Com certeza, os esforços de todos os nossos artistas foram bem recompensados, não pelo resultado material, mas pela significação de um trabalho exaustivo e difícil. Resta-nos a esperança de ver criado o Coro Permanente do Teatro Nacional.